

Drummond: noturnos mineiros

Suely Maria de Paula e Silva Lobo*

Resumo

Esta leitura promove uma aproximação entre dois discursos – o literário e o musical – a partir de conexões possíveis entre elementos da música de Field e Chopin e determinadas manifestações literárias de Edward Young e Carlos Drummond de Andrade.

Palavras-chave: Poesia; Música; Noturno; Ópera; Drummond.

Quantas vezes (...) tive esta impressão de ter diante de mim, inserido na hora presente, atual, um pouco do passado (...). Em torno, os dias atuais, os dias que vivemos circulam, agitam-se zumbindo (...) mas aí, bruscamente, param, fogem como abelhas espantadas; porque elas não estão no presente (...) mas num outro tempo (...) o lugar inviolável do passado: – do Passado surgido familiarmente no meio do presente (...) ali, no meio de nós, próximo, tangível, palpável (...). (Marcel PROUST)

Na linguagem musical, o termo “noturno” refere-se a uma composição de notação contemplativa, que evoque a noite. Entre os anos de 1742 e 1745, deu-se, na Europa, a publicação de um volume de poesia, em 9 partes, contendo cerca de 10.000 linhas, em versos brancos, de autoria do inglês Edward Young (1683-1765), livro intitulado: **Lamento ou pensamentos noturnos sobre a vida, a morte e a imortalidade**. Trata-se, basicamente, de uma longa reflexão, plena de evocações sobre o tema anunciado no título, na qual o silêncio e a escuridão são vistos como irmãs gêmeas, filhas da Noite (“Silence and darkness: solemn sisters! Twins/ From ancient Night” – Silêncio e escuridão: solenes irmãs gêmeas/ Filhas da Noite antiga)¹ e na qual a ênfase se põe, menos no tempo em si e mais no seu constante e rápido fluir e nos efeitos que deixa pelo caminho – (“We take no note of time/ But from its loss” – Não percebemos o tempo/ Mas o que se perde nele).

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

¹ As traduções são minhas.

O livro, embora não seja uma obra-prima, foi um sucesso à época e influenciou a escrita de autores como Klopstock e Diderot, inicialmente, estendendo-se essa influência, mais tarde, a grande parte dos Românticos. A parceria, sempre tão presente nessa época, entre literatura e artes plásticas acabou por incluir, então, a presença da música, quando o músico irlandês John Field, ao ler o livro de Young, deixou-se impressionar tão profundamente por ele, que dele se apropriou para compor, a partir dos poemas, pequenas peças musicais, nas quais processos de reflexão e de meditação mostravam-se como intenções claras e bem definidas. Nascia ali, das duas obras, a literária e a musical, o gênero chamado “noturno”. Gênero, logo depois, consolidado por Chopin. Chopin deixara Varsóvia, havia passado por Viena e se estabelecido em Paris. Lera a obra de Young e havia sido informado sobre a música de Field. Também lera, avidamente, o instigante romântico alemão, Novalis, e se detivera, principalmente, no seu **Hinos à Noite**, obra que havia sido publicada em 1800. E percebera as possibilidades expressivas que os poemas “noturnos” de Young e de Novalis poderiam propiciar na música. Começou, então, ele próprio, a compor as peças, já então chamadas de “Noturnos”. A melodia ainda é tranqüila, mas a escritura musical leve e filigranada de Field desenvolve, em Chopin, um efeito de densidade, melancolia e escuridão, que reflete uma sensação de inquietude e tormento, por vezes angustiante.

Pois é dessa forma de subjetivismo que o leitor poderá partir para a inserção da voz de Drummond na linha de musicalidade que deriva do noturno. Em uma leitura que rompe com uma tradição – a romântica – mas que, em dados momentos, a reelê também, Drummond faz suas reflexões dentro da noite mas, aqui, transformando e perturbando a fragilidade e transparência dos cristais dos salões elegantes dos séculos XVIII e XIX, com o impacto do cotidiano, com a economia da expressão, com a descontinuidade da forma.

Falo de seus poemas intitulados “Noturnos”, dos quais destaco: “Noturno à janela do apartamento” (DRUMMOND, 1988, p. 75), “Noturno oprimido” (DRUMMOND, 1988, p. 89) e “Noturno mineiro” (DRUMMOND, 1988, p. 973). Neles, as sutilezas do noturno romântico são perturbadas, como já mencionado, pelo impacto de formas consideradas não-poéticas, pelo uso ousado de elementos do prosaico, pela percepção realista da vida do cotidiano. Representativos do modernismo na literatura brasileira, esses noturnos mantêm, no entanto, a presença de elementos característicos de um noturno tradicional. Encontram-se neles as meditações sobre o tempo e a vida, as reflexões transfiguradoras de lembranças e de cenas, o exercício do pensamento, a partir de imagens aparentemente desligadas do que se mostra, ao final, como sendo o próprio centro do poema e a presença poderosa da noite como elemento dentro do qual se dá “a busca do mistério”.

Mas tudo isso, à moda drummondiana, na qual a transfiguração do prosaico

contém a marca da mão do poeta e é sinal incontestável do virtuosismo que essa mão é capaz de imprimir no uso da palavra.

Observemos, então, algumas marcas deixadas por essa mão, realçando dois aspectos específicos, quais sejam, aqueles que ilustram as realidades simples do cotidiano e seu processo de transfiguração pela noite e aqueles que sugerem a sinuosidade e musicalidade do fluir do pensamento dentro da noite.

Em “Noturno à janela do apartamento”, a janela – “silencioso cubo de treva” – constitui-se como elemento mediático entre a noite/morte e a vida. Essa imagem desdobra-se como possibilidade de uma e outra e, também, como perspectiva de “paisagem”, de integração mais que de ruptura. O instante de contemplação estende-se do observador ao objeto observado, fazendo com que o mesmo seja percebido como “um mundo enorme e parado”. No entanto, desse momento de contemplação silencioso e estático (res)surge o movimento, gerador de possíveis reconciliações de contrários que garantem, de certo modo, a existência de harmonias circulantes e de formas de permanência: “Mas a vida tem tal poder:/na escuridão absoluta,/ como líquido, circula” (p. 75). Como na peça musical, a mão direita e a mão esquerda se separam, mas também se integram e se entrelaçam, em acompanhamentos e contrapontos de grande alcance evocativo.

Em “Noturno oprimido”, a presença “líquida” de um movimento nascido da contemplação continua presente. A imagem mais que trivial e cotidiana da água caindo na caixa d’água durante a noite tem efeitos multiplicadores na dimensão do tempo, da transitoriedade e do mistério da existência. Aqui, não é apenas o poder da vida que se faz presente mas é, também, sua dor e seu peso. O peso do “sentimento de uma coisa selvagem,/ sinistra, irreparável, lamentosa”, que quase nada tem da impressão de leveza e, às vezes mesmo, de entretenimento sugerida por Field, mas que ecoa fortemente a presença de “sombas” que se podem “ouvir”, em contraponto à musicalidade suave, em alguns dos Noturnos de Chopin. E que ecoa, também, Edward Young: “But endless is the list of human ills” – “Mas infinita é a lista dos males humanos”. O estaticismo dos “móveis (...) prisioneiros de sua matéria pobre” (p. 89) contrasta e, de certo modo complementa, de forma dolorida, a “queixa” e o “alarido” da água. Se se considera que a madeira é chamada de “matéria pobre” devido a sua imobilidade, então, o efeito de contraste com a fluidez da água se faz mais visível. Mas se se observa que a dor de ser prisioneiro da imobilidade encontra um correlativo na idéia de “queixa”, ainda que elaborada pela fluidez da água (fluidez, aqui, violenta), então, à idéia de contraste é adicionada a de complementaridade na dor.

É em “Noturno mineiro” que uma “entrega” a formas explícitas de musicalidade se faz sentir. Uma das primeiras manifestações da tecnologia da modernidade – a locomotiva/ o trem – se mostra, neste poema, na condição de metáfora da vida como viagem. A solidez do trem de ferro e de seus trilhos, o provincianismo nostálgico

do noturno mineiro vão, pouco a pouco, sendo submetidos a um processo de transformação, sob a sugestão de expressões como “fuga no espaço”, “canto”, “errante flauta mágica”.

A referência explícita à obra **A flauta mágica** de Mozart enfatiza as características do noturno ao fazer-nos lembrar que, nessa ópera, o príncipe se apaixona por Pamina, filha da Rainha da Noite. E de novo se ouvem ecos de Edward Young e sua descrição do silêncio e da escuridão como filhas da noite ancestral. Essa associação literária e musical permite ao leitor estabelecer uma visão pictórica de grande efeito no poema: a imagem física do trem – alongada, com suas janelas simétricas – semelhante a forma de uma flauta, com seu tubo oco e seus orifícios.

Completa-se, assim, a metamorfose dos “mil poderes de aço” em “errante flauta mágica”, da concretude do ranger nos trilhos em expressividade de “chama, canto, galera”, da velocidade em virtuosidade, do movimento rígido, ainda que sinuoso, do trem nos trilhos em “galera” (p. 973), nau antiga, vagueando, flutuando na fluidez das águas.

Neste ponto, penso no filósofo Wittgenstein e no modo como algumas de suas concepções exploram, em termos filosóficos, as potencialidades da idéia de que a palavra se define pelos usos que dela fazemos e de que suas transformações podem ser concretizadas por meio de jogos de linguagem. Jogos que aqui vemos jogados por Drummond, fazendo surgir semelhanças que se tornam dessemelhanças apenas para aparecerem como semelhanças mais adiante. E o resultado é o confronto do leitor com uma complexa rede de efeitos que se sobrepõem e se entrecruzam, permitindo a esse leitor ouvir sonoridades inesperadas, mantidas em suspensão e que, no caso desses poemas, revelam-se contemplativas, reflexivas e noturnas.

Neste contexto, é importante lembrar que uma das mais admiráveis contribuições de Chopin à expressividade do noturno foi o belíssimo uso que fez do pedal de ressonância no piano. “Pedal de ressonância”, que, em nível metafórico, é, também, magnificamente usado por Drummond nos seus noturnos despidos de rendilhados, mas plenos de elementos sugestivos da solidão do humano, dos amores perdidos, do sono que não vem, da viagem para dentro da noite.

Pela mão de Drummond, também ele, como Chopin, audaz inovador no campo da harmonia, o leitor viaja não apenas para dentro da noite numa viagem de “cinza, carvão, amor e adeus” (p. 973), mas também para dentro de um tempo passado que se torna presente e se integra em um cotidiano transsubstanciado em poesia e matéria de reflexão.

Ecoando a música/ musicalidade de séculos passados, o noturno, em Drummond despojado do cristal coruscante de formas antigas, adquire/ readquire sua potencialidade como elemento de busca do desvendamento do mistério da “humana contingência”.

Abstract

This paper presents a possible connection between two different forms of discourse – the literary and the musical. It establishes a dialogue between elements found in Field's and Chopin's music and certain literary production by Edward Young and Carlos Drummond de Andrade.

Key words: Poetry; Music; Nocturne; Opera; Drummond.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- CRYSTAL, David. **The Cambridge Encyclopedia**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- DELLA CORTE, A. **Historia de la música**. Madrid: Editorial Labor, 1961.
- SCHER, Steven Paul. **Music and text: critical enquiries**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

NOTURNO À JANELA DO APARTAMENTO

SILENCIOSO cubo de treva:
um salto, e seria a morte.
Mas é apenas, sob o vento,
a integração na noite.

Nenhum pensamento de infância,
nem saudade nem vão propósito.
Somente a contemplação
de um mundo enorme e parado.

A soma da vida é nula.
Mas a vida tem tal poder:
na escuridão absoluta,
como líquido, circula.

Suicídio, riqueza, ciência...
A alma severa se interroga
e logo se cala. E não sabe
se é noite, mar ou distância.

Triste farol da ilha Rasa.
(DRUMMOND, 1988, p. 75)

NOTURNO OPRIMIDO

A ÁGUA cai na caixa com uma força,
com uma dor! A casa não dorme, estupefata.
Os móveis continuam prisioneiros
de sua matéria pobre, mas a água parte-se,
a água protesta. Ela molha toda a noite
com sua queixa feroz, seu alarido.
E sobre nossos corpos se avoluma
O lago negro de não sei que infusão.

Mas não é o medo da noite do afogado,
O horror da água batendo nos espelhos
indo até os cofres, os livros, as gargantas.
É o sentimento de uma coisa selvagem,

sinistra, irreparável, lamentosa.
Oh vamos nos precipitar no rio espesso
que derrubou a última parede
entre os sapatos, as cruzes e os peixes cegos do tempo.
(DRUMMOND, 1988, p. 89)

NOTURNO MINEIRO

CABE pois num vagão
toda a nossa viagem.
Mas é cinza e carvão
amor, e sua imagem.

Eis que range nos trilhos
uma forma de adeus.
Os cuidados são filhos
da tristeza de um deus.

Entre as rosas do carro
ouço a terra que chama.
A nós, seres de barro,
mais fina é sua gama.

Ó trem, fuga no espaço,
chama, canto, galera!
Os mil poderes de aço,
para mim os quisera.

Monstro azul e cativo,
nossa pressa nostálgica
faz de ti um ser vivo,
errante flauta mágica
(DRUMMOND, 1988, p. 973)